



MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL PARTICIPA DE EVENTO NA CEPAL/ONU



NAÇÕES UNIDAS



O artigo produzido pelos professores Marcos Paulo Dhein Griebeler e Mario Riedl, coordenador do Mestrado, junto com o mestrando Jeferson Corá Lorenzão foi apresentado durante a *Reunión de Expertos en Planificación Multi-escalar y Desarrollo Territorial* que aconteceu nas dependências da Comissão Econômica para América Latina e o Caribe – CEPAL. O professor Marcos Paulo Dhein Griebeler participou como apresentador do artigo citado, intitulado “PLANIFICAÇÃO TERRITORIAL: ANÁLISE DAS PRÁTICAS MUNICIPAIS NO VALE DO PARANHANA/RIO GRANDE DO SUL – BRASIL”. O evento ocorreu entre os dias 15 e 17 de novembro. Foram recebidas 152 propostas de artigos provenientes de 15 países, sendo destes, 100 aprovados e totalizando 80 confirmações.

Cabe destacar ainda que no caso do Brasil, foram quatro produções apenas, com destaque para o artigo citado acima, foi o único representante do Rio Grande do Sul.

Maiores informações: <https://www.cepal.org/es/eventos/reunion-expertos-planificacion-multi-escalar-desarrollo-territorial>

ACADÊMICA E PROFESSOR PARTICIPAM DE WORKSHOP SOBRE INOVAÇÃO NA UFRGS



Nos dias 7 e 8 de novembro ocorreu o I Workshop Rede de Estudos da Inovação, realizado no Instituto Latino-americano de Estudos Avançados (ILEA) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O evento teve como objetivo criar um ambiente de troca de experiências e conhecimentos sobre inovação, a partir de diferentes enfoques analíticos e metodológicos, em especial da administração, da economia, da geografia e da sociologia. A mestranda do Desenvolvimento Regional da FACCAT, Eliane Araci Rodrigues, apresentou o trabalho "Cidades inteligentes: O caminho para o Desenvolvimento Sustentável da cidade de Novo Hamburgo/RS", juntamente com outras pesquisas de mestrandos e doutorandos da UFRGS e Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Além disso, o professor do mestrado da



FACCAT, Iván G. Peyré Tartaruga, participou efetivamente em duas atividades do encontro. Primeiro como um dos painelistas da Oficina "Pintec e FEEDados" sobre banco de dados para estudos de inovação. E como painalista da Mesa-Redonda "Estudos da inovação e sua agenda de hoje".

Link do Workshop: <https://www.ufrgs.br/redeinova/eventos/i-workshop-rede-de-estudos-da-inovacao/>

Vídeo das apresentações: <https://www.ufrgs.br/redeinova/2017/11/08/ao-vivo-acompanhe-o-segundo-dia-do-workshop-rede-inova/>

COORDENADOR DO MESTRADO PARTICIPA DO I FÓRUM DE COORDENADORES



O Coordenador do Mestrado em Desenvolvimento Regional, Prof. Mario Riedl, participou do I Fórum de Coordenadores de Programas de Pós-Graduação da Área do Planejamento Urbano e Regional/Demografia da CAPES. O Encontro aconteceu no último dia 09 de novembro e realizou-se nas dependências da UNICAMP, em Campinas. Atualmente, a Área do Planejamento Urbano e Regional/Demografia conta com 47 Programas no País credenciados pela CAPES. Na reunião, foram apresentados os procedimentos e critérios utilizados no processo de avaliação quadrienal, recentemente concluído. Da mesma forma, avaliou-se a situação da Área como um todo e a sua posição relativa frente às demais Áreas científicas monitoradas e apoiadas pela CAPES.

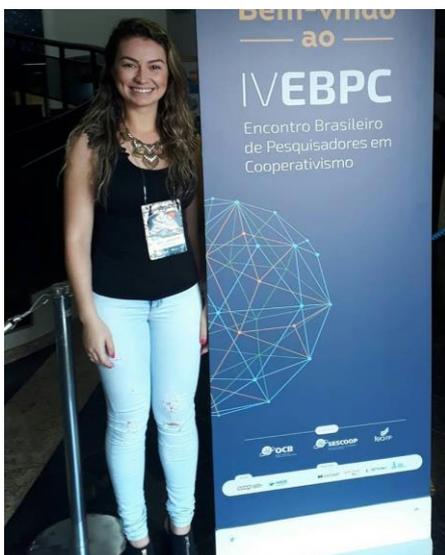
MESTRANDA PARTICIPA DE EVENTO NA COLÔMBIA



Entre os dias 7 a 9 de novembro, a mestrande e coordenadora do Comitê de Responsabilidade Social Faccat Sabrina Kiszner, participou da Feria de Buenas Prácticas de Responsabilidad Social Universitária, apresentando o Projeto LER: Literatura e Ciência, na cidade de Medellin, Colômbia, tendo como sedes a Corporación Universitaria Minuto de Dios (UNIMINUTO), a Universidad Cooperativa de Colombia (UCC) e o Museo Casa de la Memoria.

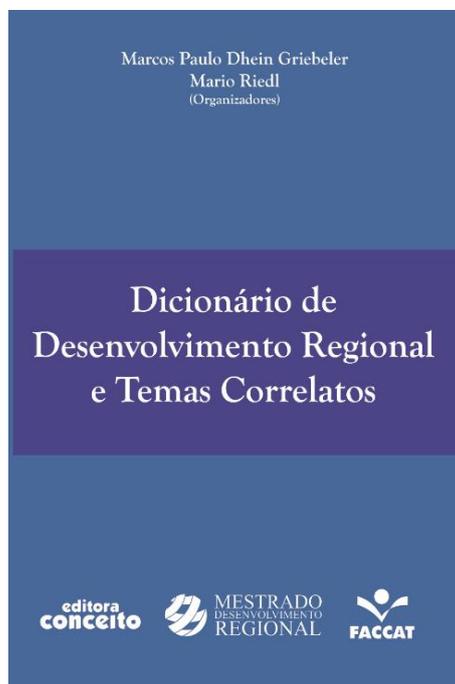
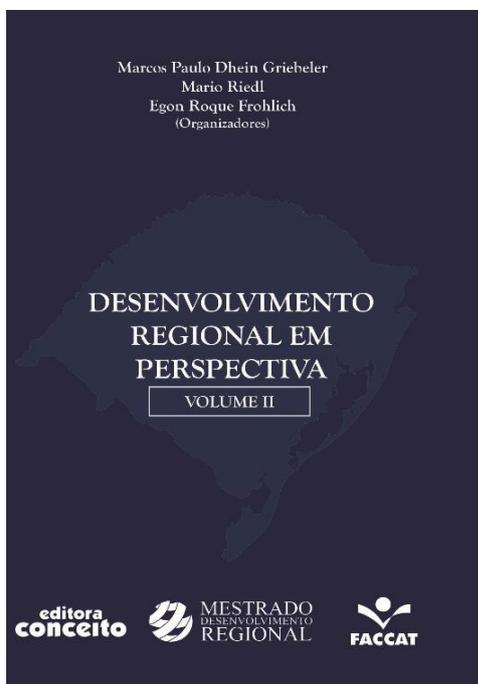


MESTRADO PARTICIPA DO IV EBPC EM BRASÍLIA



Entre os dias 20 a 22 de novembro, ocorreu o IV EBPC Encontro Brasileiro de Pesquisadores em Cooperativismo, em Brasília. Representando a Faccat a assistente da Vice-Direção de Pesquisa e Pós-Graduação, Andressa Soares apresentou o trabalho de conclusão realizado em 2016, na temática de Gestão Estratégica de Pessoas em Cooperativas de Saúde, sob orientação do Prof. Dr. Roberto Morais.

MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL DA FACCAT ESTEVE PRESENTE NA FEIRA DO LIVRO DE PORTO ALEGRE/RS



No dia 14 de novembro, terça-feira, às 17h30min, ocorreu o lançamento e a seção de autógrafos do DICIONÁRIO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL E TEMAS CORRELATOS e do Vol. II do livro "DESENVOLVIMENTO REGIONAL EM PERSPECTIVA", contendo os artigos dos Mestres da Turma de 2014, juntamente com seus orientadores. Estiveram presentes na seção de autógrafos, dois dos autores dos respectivos



livros, os Professores Egon Roque Fröhlich e Mario Riedl, diversos colegas, acadêmicos e amigos, os quais prestigiaram o evento.

Maiores informações em: <http://www.feiradolivro-poa.com.br/>

PARADOXO NA ECONOMIA: “A GENTE SABE O QUE FUNCIONA E ESTAMOS FAZENDO EXATAMENTE O CONTRÁRIO”

Ladislau Dowbor

Publicado em: novembro 20, 2017 no [portal Sul 21](#) por Marco Weissheimer



Ladislau Dowbor: “O neoliberalismo navega nos conceitos da eficiência e da competitividade. Isso é uma balela”. (Foto: Maia Rubim/Sul21)

“Estamos destruindo o planeta em proveito de uma minoria, enquanto os recursos necessários ao desenvolvimento sustentável e equilibrado são esterilizados pelo sistema financeiro mundial. (...) Quando oito indivíduos são donos de mais riqueza do que a metade da população mundial, enquanto 800 milhões de pessoas passam fome, achar que o sistema está dando certo é prova de cegueira mental avançada”. Essa é uma das teses centrais do novo livro do economista Ladislau Dowbor, “*A era do capital improdutivo. A nova arquitetura do poder: dominação financeira, seqüestro da democracia e destruição do planeta*” (Outras Palavras/Autonomia Literária), que analisa a captura dos processos produtivos e políticos da sociedade mundial pelo capital financeiro.

Na avaliação do professor titular de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), o neoliberalismo repousa sobre “balelas” e a concentração de renda e de



riqueza no planeta atingiu níveis obscenos. Em entrevista ao **Sul21**, Dowbor fala sobre o seu novo livro e sobre os desdobramentos dessa hegemonia do capital especulativo no Brasil. O déficit no Brasil, defende o economista, não foi criado por gastos públicos, mas sim pelo desvio dos gastos públicos para os bancos no serviço da dívida pública:

“Muito curiosamente, o teto de gastos paralisa as atividades próprias do Estado em educação, saúde, segurança, etc., mas libera a continuidade da transferência de recursos públicos para os bancos. O Brasil tem, hoje, cerca de 60 milhões de adultos que estão negativados. Essas pessoas não conseguem pagar suas contas relativas a comprar anteriores e, muito menos, efetuar novas compras. E as empresas também estão endividadadas. Esse sistema é absolutamente inviável”.

Sul21: O que é, exatamente, o capital improdutivo, conceito central do teu novo livro?

Ladislau Dowbor: Nós devemos distinguir o investimento, produtor de bens e serviços, que desenvolve atividades econômicas, da aplicação financeira. São dois campos distintos. No Brasil, se confunde, voluntariamente, investimento e aplicação financeira. Quando você compra títulos do Tesouro, faz especulações sobre moedas ou compra ações poderá até ganhar bastante dinheiro, movimentar um monte de papeis, sem que, com isso, apareça sequer um par de sapatos, uma bicicleta ou uma escola a mais no país.

Você não gerou nada. Se você ganhou bastante, está se apropriando do que outra pessoa perdeu. Se você previu que o dólar ia subir, comprou na baixa e ele subiu, quem te vendeu perdeu dinheiro.

Toda essa esfera de aplicações financeiras é essencialmente especulativa, não contribuindo para o processo produtivo. O que contribui para o processo produtivo é o investimento que financia atividades que geram bens, serviços, empregos, impostos e que fazem a economia girar. Falamos de capital improdutivo quando passa a render mais você aplicar em papeis do que investir em alguma coisa. No mundo, hoje, o PIB correspondente à produção de bens e serviços aumenta em média algo entre 2 e 2,5% ao ano, enquanto que o rendimento dos papeis aumenta cerca de 7% ao ano.

A explicação é muito simples. O dinheiro vai para onde rende mais. Gerou-se um sistema em que você ganha mais dinheiro simplesmente teclando no computador do que efetivamente produzindo. Isso é a expansão do capital improdutivo.

Há uma segunda questão importante. O capital especulativo e as aplicações financeiras passam a funcionar em um processo de progressão geométrica. Um bilionário que aplica seu dinheiro a 5% ao ano ganhará 137 mil dólares por dia. Ele não consegue gastar tudo e esse dinheiro é reaplicado, fazendo com que, a cada dia, o juro sobre o estoque de recursos aumente. Temos aí uma expansão que, em termos financeiros, se chama efeito bola de neve. Esse efeito faz com que grandes fortunas passem a ter muito mais dinheiro do que conseguem gastar sem precisar desenvolver nenhuma atividade de produção concreta de bens e serviços. Ou seja, ele não está sendo útil para a sociedade.

Harvey (David Harvey) tem razão. Esse capital deixa de ser capital e passa a ser patrimônio, pois não entra no processo produtivo como um elemento dinamizador. Isso deforma radicalmente a economia. Conforme cálculo feito pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), quando você faz uma transferência de renda por meio de um programa como o Bolsa Família, para cada real investido ele vai gerar R\$ 1,78 de aumento do PIB. Isso acontece porque você colocou o dinheiro na mão de alguém que não vai fazer aplicação financeira ou comprar letras do Tesouro, mas sim que vai consumir.

Esse consumo vai incrementar a atividade do comerciante, que vai encomendar mais do produtor, o que vai gerar mais emprego, em um efeito econômico multiplicador. O essencial da deformação que vivemos é esse deslocamento da forma de remuneração do capital produtivo relativamente à sua apropriação pelo sistema financeiro.



“Temos uma expansão das capacidades de produzir, mas não da produção efetivamente”.

(Foto: Maia Rubim/Sul21)

Sul21: Enquanto isso, produtos seguem sendo produzidos. Não deixamos de produzir sapatos, automóveis, roupas e tudo mais. Há um capital produtivo que segue participando da produção. Como ele se relaciona com o capital improdutivo e como um sistema com essas características pode sobreviver? Se aplicar no sistema financeiro é mais rentável, porque um produtor de calçados seguirá fabricando calçados?

Ladislau Dowbor: Nas últimas décadas, tivemos avanços tecnológicos fenomenais. Hoje produzimos automóveis com muito mais rapidez e menor custo, utilizando inclusive robôs e coisas do gênero. Na agricultura, temos a expansão da chamada agricultura de precisão, onde a aplicação de novas tecnologias também permite um aumento de produtividade fantástico. Ou seja, nós temos uma expansão das capacidades de produzir, mas não da produção efetivamente porque esta vai depender do destino final do produto. Um empresário, se não tem para quem vender, por mais que os sapatos que ele produz sejam úteis, ele fecha.

Então, o equilíbrio de remuneração das diversas atividades é vital para uma economia funcionar. Se você tem um dos atores que se apropria de muito mais renda do que os outros, acaba travando o processo como um todo. É muito interessante pegar o exemplo da reconstrução da Europa após a Segunda Guerra Mundial. A Europa criou o Estado de Bem Estar, passando a remunerar os trabalhadores proporcionalmente ao aumento da produtividade. Na Alemanha, por exemplo, todo aumento da produtividade de uma empresa é revertido automaticamente em aumento de salário. E o aumento da produção gera mais mercado. Há um equilíbrio no conjunto do sistema.

Por outro lado, os impostos gerados neste processo são utilizados como salário indireto. Na Alemanha, você tem escola pública gratuita, universidade pública e gratuita. Há escolas privadas, mas, mesmo nestas, o professor é pago pelo Estado. Isso é considerado um investimento nas pessoas. Esse salário indireto é extremamente importante. As pessoas não vivem só com sua renda que entra no bolso. O canadense tem um salário inferior ao americano, mas ele tem a creche, a escola e o hospital de graça, tem piscinas em todas as



escolas. Ou seja, o imposto, ao contrário do que ocorre no Brasil, onde ele é chamado de gasto, é transformado em salário indireto, em um investimento nas pessoas.

Esse modelo gera bem-estar e é muito mais produtivo do que planos de saúde e coisas do gênero. Quando você faz saúde pública, por exemplo, se concentra em evitar as doenças. Já o sistema privado de saúde está interessado na doença. Ele é a indústria da doença. Se você vai em países como Suécia, França, Alemanha ou Canadá, verá um sistema de saúde que está preocupado com a qualidade da água, com a ausência de agrotóxicos nos alimentos e com a diminuição de emissão de gases pelos veículos nas cidades, para citar apenas essas três coisas. Ou seja, está preocupado com o conjunto dos elementos que geram a doença. O resultado é muito interessante. No Canadá, por exemplo, você gasta 3.400 dólares/ano por pessoa em saúde. Nos Estados Unidos, é mais do dobro disso. No entanto, a saúde média da população do Canadá é incomparavelmente superior. É simplesmente mais produtivo.

Quando você canaliza os recursos de maneira adequada, consegue-se esse tipo de resultado. Destinar recursos para a saúde pública, para a pequena e média empresa, para reforçar o salário mínimo e dinamizar o consumo de bens simples: tudo isso é organização econômica e social que chamamos de governança. O governo é a máquina administrativa. Governança é fazer o conjunto funcionar.

No caso do Brasil, quando um dos grupos sociais, como o setor financeiro, se torna muito mais poderoso do que os milhões de pequenos e médios produtores e passa a apropriar dos recursos destes, por meio de juros, e do próprio governo, por meio de leis que, por exemplo, os isentam de impostos, temos uma deformação sistêmica e o processo trava.

Além do que ocorreu na Europa, podemos citar o exemplo do New Deal, nos Estados Unidos, ou o que foi feito na Coreia do Sul. Todos eles se basearam em não enriquecer os ricos, mas em desenvolver salário direto forte para a população, o que gera demanda para as empresas, e impostos elevados, mas orientados para investimentos em infraestruturas que barateiam os processos produtivos e em políticas nas áreas de educação, saúde e cultura. Esse investimento nas pessoas aumenta a produtividade do sistema como um todo. O paradoxo é esse: a gente sabe o que funciona e estamos fazendo exatamente o contrário.

Sul21: No seu livro você aponta que esse processo de deformação sistêmica da economia mundial anda de mãos dadas com o fenômeno da captura da esfera da política pelo sistema financeiro. Esse diagnóstico parece apontar para um cenário bastante sombrio quanto ao futuro da democracia, não?

“Temos um endividamento generalizado dos governos no mundo com os grandes bancos”.

Ladislau Dowbor: Você veja o desastre hoje nos Estados Unidos. Donald Trump se elegeu dizendo que a Hillary Clinton era ligada ao sistema financeiro. Eleito, quem ele nomeou para chefiar a sua equipe econômica? O presidente do Goldman Sachs, o maior banco mundial. No Brasil, em nome da resolução de problemas econômicos, tivemos um Joaquim Levy na Fazenda e hoje temos um banqueiro comandando o Banco Central e um banqueiro no Ministério da Fazenda. Na França, tivemos o peso do sistema financeiro depositado na candidatura de Macron. Temos, de modo geral, um endividamento generalizado dos governos no mundo que os colocam numa relação de dependência com os grandes bancos, donos da dívida. Há uma mudança dos equilíbrios políticos no planeta. Estávamos acostumados com a ideia de que, numa democracia, você elege pessoas que representam os anseios da população. No entanto, hoje, há um desgarramento entre o processo político da eleição e o processo econômico. Não basta a democracia política. Se você não tem também democracia econômica, o sistema simplesmente não funciona. Escrevi um livro chamado “Democracia econômica”, já publicado em várias línguas, que ajuda a entender esse processo ([Conheça as obras de Ladislau Dowbor, disponíveis em sua página](#)).

Voltando ao argumento central: onde o sistema funciona? Ele funciona quando se tem uma forte organização dos fluxos dos recursos financeiros para reforçar a capacidade de compra



das populações e a capacidade do Estado fazer investimentos em infraestrutura e fazer políticas sociais. Esse processo dinamiza as atividades, aumenta o volume de impostos tanto pelo consumo quanto pela atividade empresarial e pelos empregos gerados. Esses impostos fecham a conta sem gerar um déficit. O déficit no Brasil não foi criado por gastos públicos, mas sim pelo desvio dos gastos públicos para os bancos no serviço da dívida pública. Muito curiosamente, o teto de gastos paralisa as atividades próprias do Estado em educação, saúde, segurança, etc., mas libera a continuidade da transferência de recursos públicos para os bancos.

Sul21: Apesar da crise de 2007-2008, o neoliberalismo segue sendo hegemônico e parece estar apoiado em algumas ideias que se enraizaram no senso comum. Em uma das primeiras edições do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, o economista Francisco Louçã disse que a esquerda precisava ter algumas ideias fortes para enfrentar a força ideológica do neoliberalismo. Que ideias poderiam ser estas, na sua opinião?



(Foto: Maia Rubim/Sul21)

Ladislau Dowbor: O neoliberalismo navega nos conceitos da eficiência e da competitividade. Isso é uma balela. Ele está, na verdade, drenando a capacidade produtiva da sociedade ao se apoderar de recursos que poderiam ser investidos nas empresas e nas pessoas. O Brasil tem, hoje, cerca de 60 milhões de adultos que estão negativados. Essas pessoas não conseguem pagar suas contas relativas a comprar anteriores e, muito menos, efetuar novas compras. As empresas também estão endividadas. A ideia que embasa o funcionamento desse sistema é simples. Se você vai comprar um fogão em uma loja, encontrará um preço a vista – 420 reais digamos – e um preço a prazo que é o dobro disso. Esse fogão saiu da fábrica a 200 reais, pagou 40% de imposto e tem o ganho da loja que o está vendendo por 420. Mas, na verdade, eles querem vender a 840 reais. A grande massa da população, enganada pela prestação que cabe no bolso e pelo juro apresentado ao mês, acaba pagando 840 reais por esse fogão. O cidadão que não tem capacidade de comprar a vista vai pagar 840 reais por um fogão de 200. Esse sistema é absolutamente inviável, pois esteriliza a capacidade de reinvestimento da empresa, que está ganhando muito pouco, e a capacidade de compra da população. No meio desse processo, há um intermediário que tem um ganho imenso. É uma economia de intermediários não produtivos. Buscar um novo equilíbrio significa taxar fortemente o capital improdutivo e reduzir os impostos sobre o consumo. Não é preciso aumentar a carga tributária. Basta começar a cobrar dos improdutivos e desonerar as atividades que dinamizam a economia. Disponível em: <http://dowbor.org/2017/11/entrevista-dowbor-paradoxo-na-economia-a-gente-sabe-o-que-funciona-e-estamos-fazendo-exatamente-o-contrario-marco-weissheimer-portal-sul-21-20-11-2017-3p.html/>



EVENTOS



Maiores informações em: <https://www2.faccat.br/portal/?q=mestrado>



"Interrogantes y desafíos en las territorialidades emergentes."



Asociación de Universidades
GRUPO MONTEVIDEO

CADR

Comité Académico de
DESARROLLO REGIONAL



UNIVERSIDAD
NACIONAL DEL SUR



Departamento de
GEOGRAFÍA y TURISMO

AGOSTO 8, 9 Y 10 2018 · BAHÍA BLANCA · ARGENTINA

Maiores informações: <https://xiibienal.wixsite.com/territorio>

***Links interessantes:***

www.mi.gov.br/desenvolvimento-regional
repositorio.ipea.gov.br
www.finep.gov.br
www.portalinovacao.mct.gov.br
www.abdi.com.br
www.fnq.org.br
www.ipea.gov.br

www.fee.rs.gov.br
www.anprotec.org.br
www.badesul.com.br
www.brde.com.br
www.bndes.gov.br
www.observadr.org.br/portal
www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/home

Caso você tenha alguma contribuição para nosso informativo, envie um *e-mail* para marcosdhein@faccat.br, andressasantos@faccat.br ou mestrador@faccat.br. Desejamos a todos uma ótima leitura e até o informativo 21 do Mestrado em Desenvolvimento Regional.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Marcos Paulo Dhein Griebeler – Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – PPGDR FACCAT

Prof. Dr. Mario Riedl – Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – PPGDR FACCAT

Andressa Soares dos Santos – Assistente da Vice-Direção de Pesquisa e Pós-Graduação FACCAT